

*Este que, real e infinitamente,
sou no tempo?*¹

Elizabeth **Hazin**

Professora da Universidade de Brasília. Líder do grupo de Estudos Osmanianos da UnB. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

ehazin@ig.com.br

Leny **da Silva Gomes**

Professora titular do PPG Letras UniRitter (Porto Alegre/RS).

lenyg@uniritter.edu.br

1 | Este texto acolhe três depoimentos escritos especialmente para integrar este volume dedicado a Osman Lins. Dois são de familiares – Maria do Carmo de Araújo Lins, sua primeira esposa; Maria de Lurdes Lins Strummiello, irmã de Osman Lins; o outro, de Dorothea Severino, esposa de seu amigo Alexandrino Severino.

Preocupações antagônicas ferviam em minha amiga, receptáculo ativo das coisas e dos nomes. Mas haverá realmente para o criador, se criador e enquanto, outro problema fora de seu próprio ofício?

Osman Lins

A última publicação de Osman Lins em vida, *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), expõe sua narratividade em sedimentadas camadas superpostas que entrelaçam ficção e reflexão sobre os atos de ler, criar e compor. Para o que aqui se tem em vista, destacam-se as questões relativas ao “eu” e às do intercâmbio entre realidade e ficção.

Enquanto não me envolvo com um texto através do qual me revelo de maneira inapelável (uma vez que, por mais que tente ocultar-me, se digo “eu” é este eu que me faz, e fazer, em tal caso, que poderia significar senão formar, dar, revelar?), enquanto vou e venho pelo mundo, seguro, um homem com a sua rede fixada em muitos pontos concretos, proclamando com voz firme “eu” que é a imagem de meu rosto, nem sequer a morte vem ameaçar a minha identidade.

Mas se tomo um papel ou, o que é mais grave e assustador, se alguém toma um papel e escreve “eu”, e, por trás desse pronome, me põe no seu lugar, quem me garante mais nada? (LINS, 1977, p. 196-197).

É bom advertir que a declaração acima é do personagem que lê e comenta em seu diário o romance inédito da amada já morta, Julia Marquezim Enone, cuja memória ele se empenha em resgatar. A reflexão desencadeada pelo tema da memória perdida direciona-se do estatuto do narrador em primeira pessoa ao estabelecimento da mediação entre texto e leitor. O pronome “eu”, local de enunciação que aciona o evento narrativo, poderá assumir diferentes configurações, e com ele dialogará o destinatário. Entretanto, esse “eu” tem sua limitação “[...] posso criar-me todos, menos um – este que, real e infinitamente, sou no Tempo” (LINS, 1977, p. 197). Lendo esse Tempo com letra maiúscula como o tempo dos homens, infinito em sua finitude, introduz-se a estreita e complexa relação entre o “eu” que “simultaneamente teço a teia e me teço a mim” e o autor, seu corpo, sua imaginação, suas vivências.

Suscitar esse tipo de reflexão teórico-crítica no interior da própria ficção não soaria estranho à época? Devemos nos lembrar de que tanto no contexto de produção de *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976) quanto no de *Avalovara* (1973) as questões envolvendo o autor, seu *hic et nunc*, são desconsideradas no âmbito dos estudos literários. As duas esferas em que a produção literária circulava, constituídas pela mídia impressa e pela universidade, estavam interessadas uma na venda dos livros e a outra no desenvolvimento de uma especialização que legitimaria seus titulados como autoridades para falar sobre literatura. Nesse espaço, houve apropriação acelerada de correntes teórico-críticas – *new criticism*, formalismo, estruturalismo, estilística – que se tornaram métodos analíticos recorrentes, chegando ao modismo em dissertações e teses. A fecunda vertente sociológica, encabeçada por Antonio Candido, e a crítica dialética trazem o externo para o interior do texto literário, que abrigaria as contradições, os paradoxos, as conciliações e as sínteses das representações sociais. Apesar do estabelecimento do tripé autor/texto/leitor, as questões que envolvem o autor não despertavam a atenção da crítica na época.

Um espaço de reflexão que abrangesse, na perspectiva atual, as dimensões de produção, de mediação e de recepção estava ainda por ser criado. Da mesma forma, a tradicional concepção de realidade em si que toma alguns objetos e produtos como reais e o texto literário como entidade autônoma demorou alguns anos para ter seu contraponto na noção de que

[...] são as regras de aceitação, as estratégias de consenso acerca dos elementos do modelo de realidade de determinado grupo social e o conteúdo de realidade destes elementos que decidem sobre a nossa visão/versão do mundo. São esses modelos e não a realidade exterior ao olhar ativo que explicam, assim, porque em certo grupo social o mundo é visto de modo semelhante, e por que o mundo em que vivemos não é cópia, mas composição (OLINTO, 1989, p. 20).

Nessa perspectiva, o foco desvia-se da realidade para o saber sobre a realidade, construída em determinadas condições como fenômeno da esfera social, e se inscreve no

sistema literário. Os textos literários são dotados de sentido nas ações sociais concretas, em momentos históricos definidos, em situações cognitivas e afetivas determinadas.

Se no âmbito nacional o autor e as condições de produção não eram pertinentes às considerações da crítica, discussões a respeito, que surgiam na Europa, não podiam deixar de ecoar no meio literário. É exemplar nesse sentido o livro de Osman Lins *Guerra sem testemunhas: (O escritor, sua condição e a realidade social)* (1969), em que o autor discute as várias formas de crítica, a posição do escritor em seu contexto político brasileiro, as relações com a máquina editorial, com o leitor, com a sociedade; reflexões que se adensam nas “relações do escritor com a folha em branco e sua interminável luta com as palavras” (LINS, 1969, p. 244). Estamos tratando, então, de um escritor de ficção que se ocupa de maneira integral à causa da literatura, sem deixar de se concentrar na obra literária, no seu fazer e nas indagações que seu ofício suscita. Nesse processo, sua visão se alarga, pois para ele “todo problema de forma, se tem densidade, está sempre relacionado a uma concepção do mundo.” (LINS, 1969, p. 215).

Essas dimensões desconsideradas na década de 1970 pelas abordagens literárias teórico-críticas são enfrentadas por Osman Lins tanto em sua ficção quanto em sua ensaística, ou em seus textos ficcionais-ensaísticos. Ao radicar a reflexão em um “eu”, principalmente em *A rainha dos cárceres da Grécia*, parece estar respondendo aos questionamentos que surgiram com a comunicação de Foucault em fevereiro de 1969 intitulada *Qu'est-ce qu'un auteur?*, ou com *A morte do autor*, de Roland Barthes, texto datado de 1968. Em ambos os casos a questão é: quem fala?, ou ainda, “que importa quem fala, disse alguém, que importa quem fala” (BECKETT, apud FOUCAULT, 1992, p. 34).

As relações entre autor e leitor, mediadas pelo texto, acompanham as tendências vigentes em determinadas épocas e culturas. Nas palavras de Barthes (1987, p. 49):

O autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida pela nossa sociedade, na medida em que, ao terminar a Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio pessoal do indivíduo, ou como se diz mais nobremente, da “pessoa humana”.

De lá para cá, nas não tão distantes décadas de 60/70 do século XX, Foucault opõe autor/indivíduo à função autor, que não é exercida por qualquer nome próprio que subscreva um texto. O nome do autor “manifesta a instauração de certo conjunto desses discursos no interior de uma sociedade e de uma cultura” (FOUCAULT, 1992, p. 46). O conjunto desses discursos manifesta-se em sua singularidade e em sua posição disruptiva e instauradora. A partir da percepção de que a marca do escritor é sua ausência na obra, noções de obra e de escrita reclamam uma elucidação. O que é uma obra? É tudo o que um escritor deixou por escrito? Tudo o que disse e escreveu? Incluem-se também documentos guardados? Recibos de compras de livros? Cartas? “Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados

2 | Indagação que parece sugerir a leitura de Enone (aliás, um palíndromo) como “e ninguém”.

por alguém depois da morte?”, pergunta-se Foucault (FOUCAULT, 1992, p. 38), para concluir que “A palavra ‘obra’ e a unidade que ela designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor” (FOUCAULT, 1992, p. 39).

Às abstrações filosóficas, o autor do diário que comenta o livro de J. M. Enone, um possível *alter ego* do autor Osman Lins, responde em tom irônico: “Posso indagar ainda: assente que o autor não existe, teria eu sido amante de ninguém?” (LINS, 1977, p. 5).² Esse leitor amante desfia ao longo do texto sua visão insurreta que não aponta para uma única direção e, ainda, é expressa ora de forma clara, “O exame dos textos, postulam hoje os especialistas, deve ignorar a mão que os redigiu (tensa, não obstante, de história e de motivos obscuros)” (LINS, 1977, p. 4), ora de forma encoberta, coerente com uma “poética despistadora, propensa à máscara” (LINS, 1977, p. 196). Esta última, referente à poética da amante, é análoga à poética do autor Osman Lins em *A rainha dos cárceres da Grécia*. Estamos, assim, diante do exercício ficcional que encena a função autor (Foucault) que se inscreve “entre”, na cisão entre o escritor real e o locutor fictício, e que comporta uma pluralidade de “eus”, circundados por uma pluralidade de dispositivos, entre eles o da própria linguagem. Nessa, autor e leitor tornam-se cúmplices: “O autor não é mais que a testemunha, o fiador da própria falta na obra em que foi jogado; e o leitor não pode deixar de soletrar o testemunho, não pode, por sua vez, deixar de transformar-se em fiador do próprio inexausto ato de jogar de não se ser suficiente” (AGAMBEN, 2007, p. 63). No testemunho da escrita, autor e leitor, mediatizados pelo *corpus* textual, deixam traços dos “corpos biológicos ou textuais, que se fazem, refazem e desfazem no tempo” (ROCHA, 2005, p. 148).

As perspectivas cambiantes dos leitores, historicamente situadas, assumem hoje um caráter de espetacularização da vida privada do autor de modo que se transforme a percepção do fazer para a visualização do ser. Um dos sintomas do deslizamento da leitura da obra para a vida do autor é o sucesso de venda de biografias e autobiografias de autores, personalidades, astros, atletas. Do leitor ouvinte, atento à narração daquele que em presença – corpo, voz, gesto – transmite sua experiência, àquele que busca na leitura silenciosa a identificação com alguma personagem, ou àquele que descobre as possibilidades do imaginário em viagens surpreendentes, ou àquele que busca sondar o sentido da existência, uma nova posição se delinea na interação autor/texto/leitor.

Trazer elementos do real como referentes, transformando-os; manter contornos diluídos entre texto ficcional e texto ensaístico; impregnar a ficção com linguagem metalinguística, explicitando seu fazer poético; tudo isso se torna paradoxal na contemporaneidade quando os leitores/espectadores cultuam os autores na medida em que têm acesso a sua vida privada. A percepção do autor, do artista em geral, como uma figura extraordinária provoca o desejo do leitor de encontrar “o componente ordinário de suas vidas privadas” (SIBILIA, 2008, p. 184). Buscar a vida comum daqueles que produziram obras excepcionais parece aproximá-los: “O fenômeno evidencia outras faces de vários mecanismos muito contemporâneos:

a crescente ficcionalização do real e a exibição da intimidade de qualquer um, bem como a estilização subjetiva cada vez mais inspirada nos personagens do cinema” (SIBILIA, 2008, p. 185).

Em conhecido ensaio autobiográfico de 1970, ditado em inglês ao seu tradutor Norman Thomas di Giovanni, Jorge Luis Borges descreve – em meio ao entusiasmo suscitado pela volta a Buenos Aires com sua família, em 1921, após muitos anos a viver em cidades europeias – seu encontro com Macedonio Fernández. Ouçamos suas palavras:

Talvez o maior acontecimento de minha volta tenha sido Macedonio Fernández. De todas as pessoas que conheci em minha vida – e conheci alguns homens verdadeiramente excepcionais – ninguém me deixou uma impressão tão profunda e duradoura como Macedonio. Era uma figura pequena de chapéu-coco, esperando por nós na Dársena Norte quando desembarcamos, e acabei herdando de meu pai sua amizade (BORGES, 2000, p. 70).

Por que nos interessaria saber de Macedonio? Na realidade, interessa-nos saber de Borges e de tudo o que o teria tocado em vida, matéria pura a ser transformada em arte. Sim, porque como bem nos lembra Leonor Arfuch (1998), esse dobrar-se sobre si mesmo, esse retorno do autor como suporte corpóreo da função de autoria delinea a própria configuração do sujeito moderno. O abrir-se ao público do íntimo e do privado resulta numa exibição da interioridade, algo que termina por instaurar um deslocamento da voz do ficcional até o eu primordial.

No caso de Osman Lins, a quem vai dedicada a matéria biográfica de que aqui tratar-se-á, podemos dizer que ele lançou mão de todos os meios a seu alcance para esclarecer o leitor, para não iludi-lo quanto aos mundos criados, quanto à posição do “eu” narrador. Não se esquivou em momento algum, nem mesmo quando muito doente, a dar entrevistas, palestras, a escrever cartas em que expunha sua visão sobre a arte e sua vital ligação com a literatura. No entanto, esses são textos do artista, do professor, do intelectual, do estudioso. Sua vida privada, suas relações familiares e interpessoais (amigos) infiltram-se na obra ficcional de forma muito camuflada, transformada, refratada, rarefeita mesmo. Ainda que, em muitos casos – como podemos ler no depoimento de sua irmã –, possam vir a ser reconhecidas certas referências, ao menos por aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele. Vale lembrar, aqui, passagem de uma das tantas entrevistas por ele concedidas, em que responde, após receber a notícia do Prêmio Fábio Prado com o romance *O visitante*, a se teria então algum trabalho em mente:

Têm me surgido alguns temas, todos em embrião. Não tenho nenhuma ideia estruturada. Mas é possível que eu tente uma espécie de biografia da rua onde passei a minha infância. Da galeria de tipos que habitavam aquelas casas hoje demolidas.

De vez em quando eles me surgem, sós e em grupos, com uma nitidez enorme. Aliás, tenho sofrido, de certo tempo para cá, uma espécie de volta não só às paisagens da minha infância e adolescência, como a certos fatos a elas vinculados. É uma sedução muito forte cujos motivos desconheço (LINS, 1979, p. 128).

E ele estava apenas começando sua vida literária.

Vindas de pessoas que, em graus diversos de proximidade, compartilharam com Osman Lins o espaço tão curto da vida – sua primeira mulher e mãe de suas filhas, uma meia irmã, a viúva de um amigo que ensinava em uma universidade nos Estados Unidos –, as vozes nunca antes escutadas e aqui reunidas adquirem valor de testemunho, o que concede a cada um dos relatos tom precioso. Não se pode negar aos depoimentos que aqui serão vistos valor biográfico, acompanhados ainda que estão de fotografias que, de certo modo, lhes correspondem: Osman com sua irmã Lourdes, Osman no dia do casamento. Todos que aqui deram sua contribuição foram movidos pelo sentimento que aflora nas cenas de *Amarcord*, de Fellini, palavra que no dialeto de sua terra natal significa “eu me recordo”. Assim é que tudo o que essas pessoas escolheram para revelar um pouco do homem que se chamou Osman Lins se reveste de detalhes e demarca um sujeito, sim, o autor – em certos momentos desejado bem longe pela crítica.

Demoremo-nos assim nas palavras com que Arfuch, em texto já citado, se refere ao livro de Kristeva sobre Proust, intitulado *O tempo sensível*. Para ela, esse Proust obsessivamente buscado e enfim recuperado por Kristeva promove uma espécie de inversão existencial, ou seja, já não se vê aí a vida do escritor transformada em arte, mas sim a arte que deixa sua marca na banalidade da vida.

3 | Nascida a 14 de fevereiro de 1927, em Vitória de Santo Antão (PE), era professora até casar-se, não exercendo mais a profissão a partir daí.

Depois da separação, não admitiu ter nenhum outro relacionamento. Atualmente vive em um apartamento na mesma rua da casa que compartilhou com Osman Lins e as filhas no Recife.

Depoimento de MARIA DO CARMO DE ARAÚJO LINS,³ primeira esposa de Osman Lins, em fevereiro de 2014:

A primeira vez que eu vi Osman, contava 15 anos e ele, 18; e o conheci na casa de minha prima Terezinha Rocha, filha de uma irmã de minha mãe. Minha mãe chamava-se Maria José. Esta minha tia, Auta Amélia, irmã da minha mãe, vinha a ser a avó materna de Osman (mãe de Maria da Paz, que faleceu aos 18 anos de idade e não deixou sequer uma fotografia). Esse parentesco gerou uma curiosidade em relação às nossas três filhas: a bisavó materna delas era mãe da bisavó paterna.

Minha mãe, ainda menina, ouvia de Auta Amélia, já moça feita, que seria muito bom se um neto dela, Auta, casasse com uma filha de Maria José. Essa frase brincalhona, entre irmãs, que tomamos conhecimento muito tempo depois de o namoro ter começado, acabou se tornando profética.

Nós não tínhamos conhecimento da existência um do outro, uma vez que eu morava no Recife e ele em Vitória de Santo Antão. Como ele foi aprovado num concurso do Banco do Brasil (era

menor de idade, teve de apresentar autorização do pai, Teófanês, para tomar posse do cargo), veio morar numa pensão no Recife, mudança que ele, anos depois, retratou no conto *A partida*, onde deixa transparecer a imensa ternura que sentia por sua avó paterna e que o criou, Joana Carolina. Esta, todas as vezes em que íamos a Vitória, já casados e com as filhas crescidas, só se recolhia à noite depois de entrar em nosso quarto e cobri-lo com o lençol. Então, ele ficava sempre de pijama e cobertas à parte, esperando a visita noturna, não queria contrariá-la.

Sáímos da casa de Terezinha direito para o cinema. Fomos assistir *As mil e uma noites*, e não chegamos nem a flertar, o namoro começou naquela noite mesmo. Tempos depois, ele me deu o livro, em um só volume. Quando da separação, ele me pediu para escolher todos os livros que eu quisesse, e me arrependo de não ter também escolhido esse. Gostaria muito de saber por onde o volume anda hoje.

Osman era um homem extremamente íntegro, pautando seu comportamento sempre dentro da mais absoluta ética e sempre pensando nos seus semelhantes. Para ilustrar o que digo, vou dar um exemplo bastante singelo, mas que dá bem a dimensão da pessoa que era: como duas de nossas filhas fazem aniversário no mesmo mês, dias 14 e 29, na primeira comemoração ele fazia uma lista dos convidados, que não convidava para a segunda comemoração, porque não queria que alguém tivesse duas despesas conosco no mesmo mês, já que se convencionou que ao ir a aniversário se deve levar uma lembrança.

Era bastante solidário, fazendo as vezes de enfermeiro quando alguém estava doente, até seus próprios amigos. Não saía da cabeceira, administrava a medicação, media temperatura.

Quando ele adoeceu e foi hospitalizado, em 1978 e já em São Paulo, um ex-colega do banco ia lá todos os dias e chorava de soluçar, dizendo que isso poderia "acontecer com qualquer um, menos com Osman". Ele acabou contando o que nós nunca tínhamos tomado conhecimento: há tempos atrás, o médico tinha lhe falado que ele estava com câncer no pulmão, e era necessário iniciar logo um tratamento agressivo para combater a doença. Quando soube, Osman o aconselhou a procurar tratamento em Houston, mas ele não dispunha de recursos para isso. Osman, então, fez uma "vaquinha", como se diz, entre todos os funcionários do banco, que eram muitos, e lá se foi o colega para Houston. Chegando lá, depois de examinado, foi constatado que ele estava gozando de plena saúde, estando apenas com uma pequena mancha em um dos pulmões, e era coisa sem nenhuma gravidade. Ficou tão agradecido quando voltou que, pelo que ele contou, deve ter constrangido Osman algumas vezes... ele gostava muito de ajudar as pessoas, mas não suportava alarde em torno disso.

Era um pai maravilhoso: lançava mão de sua sensibilidade e inteligência para dar o melhor de si, e posso dizer que minhas filhas tiveram a melhor infância que alguém poderia ter. Sabia a hora do afago e das broncas, também das brincadeiras. Ele se colocava no lugar delas para falar-lhes com a linguagem apropriada a cada idade. Ele tinha uns gestos engraçados. Quando recebeu o pagamento pela tradução de *"O urso branco"*, me disse: "Tome, vá gastar o urso branco num passeio com as meninas". Então levei-as para conhecer o Rio de Janeiro. Ele tinha muito senso de humor, e, dependendo da situação, sempre dizia suas tiradas geniais. O momento de extrema seriedade era quando

escrevia. Quando nos conhecemos, ele já tinha um romance pronto – que dizia que era um simples exercício de escrita, logo depois iniciou outro "simples exercício de escrita", mas que, para mim, são romances maravilhosos, que nada ficam a dever a suas obras posteriores. Também era um ótimo marido, e mesmo depois da separação nunca deixou de dar toda a assistência possível.

Aos domingos, íamos para a praia com amigos do BB, e numa dessas vezes o filho de um amigo nosso se perdeu e só foi encontrado no dia seguinte. Tal fato serviu de inspiração para Osman escrever Perdidos e achados. Um ponto no círculo foi uma visita que ele recebeu, da filha de uma senhora que lavava suas roupas. E era assim sempre; quando não era totalmente criação sua, ele pegava um fato ocorrido e, com muitas e muitas transformações, confeccionava um conto, um romance.

Muitas coisas poderiam ainda ser ditas neste depoimento, mas acho que já está bastante longo, além disso, tenho 87 anos e minha memória já não é tão boa como antes. Só tenho a acrescentar que Osman foi uma pessoa muito especial, e é uma pena que tenha ido embora quando estava no ápice de sua força criadora.



Fotografia do casamento de Osman Lins e Maria do Carmo de Araújo Lins, em Vitória de Santo Antão, no dia 8 de dezembro de 1947. Foto cedida por Ângela Lins

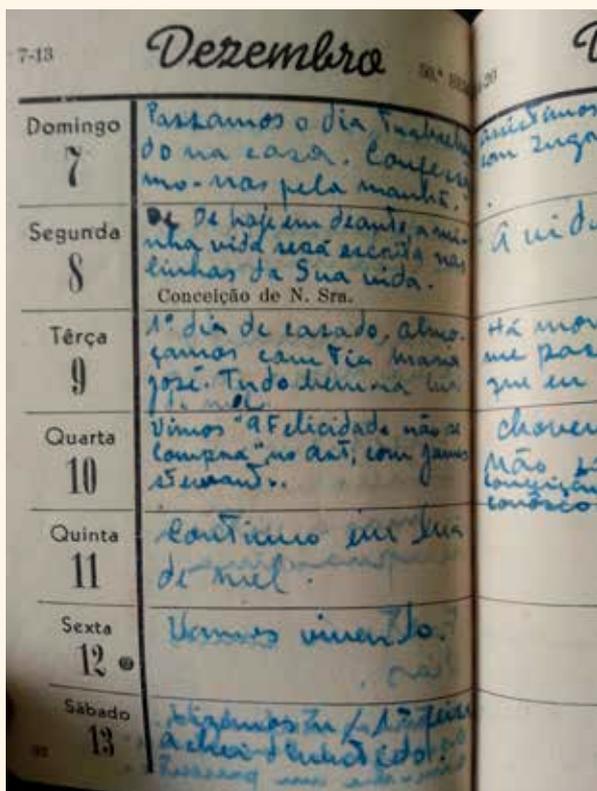


Foto tirada por Elizabeth Hazin da agenda de Osman Lins, correspondente ao ano de 1947, que se encontra sob a guarda de Ângela Lins, filha do escritor.

Depoimento de MARIA DE LOURDES LINS STRUMMIELLO,⁴ irmã de Osman Lins, em outubro de 2013:

A pedido de minha sobrinha Ângela Lins, filha caçula do Osman Lins, estou escrevendo um depoimento a respeito de alguns aspectos, ou ocorrências da vida desse homem que se tornou um escritor respeitável, um irmão muito querido que conseguiu fazer exatamente o que pretendia, desde que descobriu que a literatura representava tudo em sua vida. Sempre muito discreto, criterioso, organizado e muito preocupado com a qualidade do seu trabalho. Muitas vezes me falou que para ser um bom escritor não bastava apenas ter ideias e colocá-las no papel. Tem que se dedicar integralmente, ler muito, estudar, pesquisar, conquistar uma bagagem substancial, ter muita força de vontade e trabalhar com muita seriedade. Editar uma obra, comparava ao nascimento de um filho. São coisas parecidas. Nasce uma esperança que se lapida, cultiva e se acompanha durante a vida. Ela cresce, desenvolve-se, fica enorme, infiltra-se em territórios distantes, assume diversas proporções, passa a ser editada em idiomas diferentes e muitas vezes o autor perde controle.

4 | Nascida a 6 de janeiro de 1935, um domingo, em Vitória de Santo Antão. Funcionária pública aposentada, hoje vive com o marido em São Paulo.

Após 15 dias do seu nascimento, sua mãe faleceu devido a complicações pós-parto. Não teve oportunidade de sentir o afago, o calor da mãe e jamais conseguiu ver sequer seu rosto, porque ela não deixou nenhuma fotografia. Foi amamentado por uma senhora, amiga da família, que ganhou nenê na mesma época, e esse garoto se tornou um grande amigo dele.

Às vezes me surpreendo pensando como teria sido a situação dessa jovem, saudável, bonita e ingênua, nove meses de casada, envolvida nesse drama. Nunca escutei comentários a respeito. Certamente o choque foi tão violento que as pessoas envolvidas, como nosso pai, avó, tios, etc., se preocuparam apenas com a criança e esqueceram que existia alguém sofrendo ao lado, ou na ignorância acreditavam que ela sobreviveria.

Cinco anos depois, nosso pai decidiu constituir uma nova família com Eulália, uma garota de 17 anos. Devido a pouca idade da segunda esposa, a família decidiu que o Osman continuaria sendo criado pela avó e pela tia, com acompanhamento do pai a distância. Pouco tempo depois, nasceu prematura a primeira filha (Sílvia) e faleceu dois meses após o nascimento. Por muito pouco a tragédia não se repetiu. A mãe teve sérias complicações, o que a impossibilitou de cuidar do bebê, e mais uma vez a avó (Joana Carolina) e a tia Laura assumiram o comando. Aquela criança que perdeu a mãe ao nascer acompanha essa quase tragédia e vê desaparecer a irmãzinha. A vida continua a lhe deixar marcas. Alguns meses depois surge o segundo filho (José), aparentemente saudável e com problemas cardíacos não identificados por falta de assistência médica. Sobreviveu nove meses e faleceu repentinamente.

Então Osman teve esses dois impactos no início da sua vida e certamente sem nenhuma preparação psicológica. Muita coisa deve ter se passado em sua cabecinha e causado problemas na sua formação. Em seguida eu nasci (Lourdes), e provavelmente não fui muito bem recebida. Ele certamente ficou desconfiado e pensando: será que essa veio para ficar?

Devido aos acontecimentos anteriores, todos ficaram em volta da garota, desdobrando-se em cuidados. Isso o incomodava, e ele não perdia a chance de fazer alguma maldade. À medida que ela ia crescendo, chamava-lhe de galega chata, cabelo de milho, olho de gato e por aí, foi assim por muito tempo. Já com uns 5 ou 6 anos, ela estava brincando e ele pegou uma lagartixa e colocou no bolsinho do seu vestido. A criança ficou em pânico, encostada na parede com os braços para cima, chorando, gritando, e ele rindo sem parar enquanto todos enlouquecidos sem saber o que fazer. Quando percebeu que o problema era sério, resolveu falar, e a criança desmaiou. Todos ficaram tão surpresos que não souberam o que fazer com ele, que também precisou ser socorrido. Pelo que me contaram, tiveram a sensibilidade de conversar e não lhe castigaram por isso. Daí para a frente, passou a agir diferente. Essa criança mimada e chata passou a ser sua grande amiga e viveram muitas coisas juntos.

No decorrer da existência vieram outros irmãos: Umberto, Homero e Luciene. Esses foram aceitos normalmente. Houve uma época em que a tia Laura morava em um bairro afastado da cidade ao lado do Rio Itapacurá. Na ocasião não havia poluição, e a água era cristalina. Nós íamos visitá-la e passávamos o dia passeando naquele rio, com uma latinha catando os girinos, que existiam em grande quantidade, e eu me encantava brincando com aqueles bichinhos ligeirinhos. Quando ele se cansava de pensar e dar risada com as minhas bobagens, colocava-me no ombro e caminhava um

pouco. Os dois voltavam vermelhos de tanto sol, e a tia já nos esperava com uma xícara de nata de leite para passar em nosso corpo e principalmente no rosto e nos ombros para aliviar as queimaduras. Era a pior parte, porque era bem desagradável, apesar de aliviar bastante.

Durante a vida a gente vive instantes que parecem não ter nenhum significado e, no entanto, anos depois nos surpreendemos lembrando de pequenas coisas. Bate uma saudade tão grande que só de pensar dá vontade de chorar. Aquele homem que parecia ser sisudo, sério, às vezes anti-pático, gostava de conversar, brincar e rir. Quando necessário era enérgico e me dava broncas na hora certa. Era o irmão mais velho que tinha zelo por mim e estava sempre atento, aconselhava-me e irritava-se com certas coisas que não concordava. Sempre que precisei foi naquele ombro que encontrei refúgio.

Periodicamente ia a Vitória visitar os familiares, íamos ao cinema e no domingo minha mãe fazia o almoço especial, satisfazendo o gosto dele. Era um momento muito especial. Todos felizes, saudáveis e barulhentos. O tio Toinho (Antonio Bento) sempre se sentava ao nosso lado contando as suas histórias, o que aumentava a algazarra. Era um nordestino muito engraçado e nos divertia. A felicidade está em pequenas coisas e quase ninguém percebe. Aqueles momentos foram inesquecíveis. O tempo passa e as coisas mudam. As pessoas mudam também. As circunstâncias colaboram para que tudo seja diferente. As coisas vão se fragmentando e cada um toma seu rumo, se distancia. Acontece um turbilhão de coisas boas e ruins. Tudo se embaralha.

Quando Osman entregou ao pai um exemplar do seu primeiro livro, O visitante, foi emocionante. Ele sentiu uma felicidade tão grande que não sabia como se expressar. Segurava com firmeza como se fosse um troféu. Certa vez confidenciou-me que o filho era um escritor e ele achava que era apenas um sonhador. Daí para a frente seu sucesso foi crescente e se emocionava cada vez que havia lançamento de uma nova obra. Quando a peça Lisbela e o prisioneiro foi apresentada, no Teatro Municipal, sentiu uma felicidade imensa.

Sempre que preparava uma obra para editoração me pedia ajuda na datilografia, e quando ia devolver o material datilografado para correção e lbe contava que havia identificado alguns personagens ria muito e dizia que iria ser mais esperto na camuflagem. Quando tínhamos oportunidade conversávamos muito, descrevia suas viagens com uma riqueza de detalhes, parecia até que estávamos viajando juntos. Uma vez falou sobre um antiquário de relógios e rimos muito imaginando a variação de sons se todos estivessem funcionando. Sinto uma saudade imensa, impossível descrever. Certa vez ele estava viajando de trem num dos países europeus quando viu uma moça muito parecida comigo. A semelhança era tanta que o deixou intrigado. Ficou tão perturbado que quando desceu na estação percebeu que havia deixado a bagagem e teve que recuperá-la na próxima estação. Recebia uma quantidade enorme de correspondências enviadas por pessoas que solicitavam sua opinião a respeito de seus trabalhos como teses, livros, etc. Como estava doente e cada dia acumulava mais, me pediu para responder dando uma satisfação, apenas acusando o recebimento. Fui fazendo e sempre chegava mais. Um dia me falou que não respondesse mais. Fiquei surpresa e perguntei: por quê? Então me falou o seguinte: vamos deixar pra lá. Faz de conta que fiz uma viagem muito longa e sem retorno.

Foi muito triste ouvir isso. Aliás, nessa época, tudo foi doloroso. Dizia que o que havia de mais precioso era seu cérebro, e se esse fosse atingido nada mais importava. Seria o fim. E assim foi. Adeus.

Tive dois irmãos com problema de saúde do mesmo gênero, Osman e Umberto, que coincidentemente o período de sofrimento foi quase igual. O primeiro fez 54 anos no dia 5 de julho e faleceu dia 8, o segundo completou 50 anos dia 4 de setembro e faleceu dia 15. Eram duas pessoas bem diferentes, enquanto um era metódico, muito responsável, exigente, sério, o outro era irreverente, despojado, agitado, brincalhão. Quando a moléstia se manifestou e foi comprovada aconteceu o que ninguém esperava. O Osman aceitou aparentemente tranquilo, fez tudo de acordo com a orientação médica sem reclamar, e foi assim até o fim. Sofreu muito e fazia de tudo para amenizar o sofrimento da família. Um dia olhou pra mim e disse: por que essa cara de missa de sétimo dia? Dê-me um abraço e esboce um sorriso. Como obedeci nem sei, mas muitas vezes me contive. O Umberto teve reação contrária, ficou muito revoltado, irritado, complicou demais a situação.

No decorrer da nossa existência muita coisa acontece e é difícil relatar o que se refere ao nosso sentimento. As coisas vão se fragmentando, e à medida que o tempo passa a memória vai falhando. Acredito que se o Osman fosse vivo e recebesse esse depoimento certamente olharia bem sério para mim e falaria assim: você sempre me surpreende. Agora não sei se reprovaria ou se me daria um abraço. O importante é que fui sincera e bem intencionada.



Da esquerda para a direita: Maria de Lourdes, Osman Lins, Maria do Carmo e Eulália, segunda esposa de Teófanés, pai do escritor. Foto cedida por Ângela Lins

Depoimento de DOROTHEA SEVERINO,⁵ amiga de Osman Lins e viúva de Alexandrino Severino, em dezembro de 2013:

Devo ter conhecido Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira na primeira metade da década de 1960 em casa de nossos amigos professores Massaud e Antonieta Moisés. Nessa época meu marido, Alexandrino Severino, e eu morávamos em Marília, Estado de São Paulo, onde meu marido era professor de Literatura Americana e Inglesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Em 1966 nós nos mudamos para os Estados Unidos, de modo que nossos encontros com os amigos Massaud e Antonieta Moisés, Dora e José Paulo Paes, Osman e Julieta e algumas vezes Fabio Lucas e Lenilde Freitas se tornaram mais raros.

Tenho gratas recordações das simpáticas reuniões em casa desses queridos amigos, tardes ou noites de fins de semana, alegrados com conversas descontraídas sobre muitos assuntos, mas principalmente sobre literatura. Osman e Julieta falavam sobre suas leituras bem como suas obras literárias em fase de criação ou publicação. José Paulo Paes comentava sobre as obras poéticas em diversas línguas que ele estava traduzindo para o português e os professores Antonieta, Massaud e Alex Severino acrescentavam suas opiniões ou faziam perguntas. Eu tinha pouco a acrescentar e deliciava meus ouvidos ouvindo conversas mantidas em linguagem despretensiosa, mas muito bem formulada. Em algum momento surgiu a ideia de traduzir Nove novena para o inglês. Alex, muito interessado em promover a obra de Osman, ofereceu seus préstimos para conseguir alguém que se interessasse pela tarefa, já que ele mesmo não teria tempo de se incumbir deste trabalho. Presumo que em algum congresso de professores de português Alex tenha proposto a tradução de Nove novena à professora Clotilde Wilson, que era professora de Português no Estado de Washington. Acredito que a professora Clotilde Wilson estivesse no fim da carreira profissional. O certo é que, depois de algumas considerações, Clotilde Wilson aceitou traduzir todos os contos, menos Retábulo de Santa Joana Carolina, o conto mais extenso do livro. Mesmo sem muita experiência em tradução literária, eu me dispus a traduzir Retábulo de Santa Joana Carolina.

O que eu não pudera prever foi que além da retinite pigmentar que estava diminuindo minha visão eu também estava desenvolvendo degeneração da mácula, de modo que gradativamente fui perdendo a habilidade de ler textos e de consultar dicionários. Com a ajuda do Alex, que procurava algumas palavras no dicionário para mim, consegui terminar a tradução.

Para mim, o trecho mais difícil de traduzir foi o final do conto, quando Joana Carolina estava sendo enterrada no cemitério em meio a túmulos com nomes e sobrenomes ligados à natureza. Se eu fizesse uma tradução literal das árvores, flores e acidentes geográficos, nem sempre estes corresponderiam a nomes e sobrenomes de pessoas usados em inglês. Se eu deixasse os nomes e sobrenomes em português, toda a poesia se perderia, já que os leitores que não falavam português não compreenderiam a intenção de Osman. As alternativas seriam ou substituir os nomes que não tinham correspondentes por outros que em inglês poderiam ter efeito semelhante ou dar alguns exemplos de nomes existentes em ambas as línguas em tradução seguidos de uma explicação da intenção do autor, sem todavia tentar dar uma lista de igual extensão.

5 | Nascida em São Paulo no ano de 1940, casou-se em 1961 com Alexandrino Severino, à época professor de Literatura Americana na Faculdade de Filosofia e Letras de Marília. Após a defesa da tese do marido, em 1966, a família mudou-se para Austin, Texas, e em 1969 para Nashville, onde Dorothea reside até hoje. Seu marido faleceu em 1993.

Se estou lembrada, a professora Clotilde Wilson não chegou a terminar a tradução antes de falecer. O conto Pastoral, que Clotilde não mais pudera traduzir, foi traduzido por mim com muito esforço porque minha vista já estava muito ruim. Tudo isso se passou num período em que ainda não se usavam computadores e não havia screen readers que leem textos para nós, cegos. Usávamos máquinas de escrever e papel de carbono para fazer uma cópia. Mudanças e correções de texto exigiam datilografar a página inteira novamente.

Lembro-me bem de diversas imagens do conto Retábulo de Santa Joana Carolina e tenho uma ideia do conteúdo. Infelizmente não me lembro do conto Pastoral.

Alex tentou interessar a Editora Knopf na publicação de Nove novena, mas outros livros não tinham tido grande sucesso de venda, de modo que naquela época Knopf declinou da proposta, mesmo sem problemas de remuneração a nós, tradutoras. Creio que a tradução pode ter sido oferecida a algumas imprensas universitárias, mas com a morte de Osman, uma vida profissional muito movimentada, o Alex não pôde se dedicar com mais afinco a tentativas de ver Nove, novena publicado. E assim passaram décadas em que a tradução ficou engavetada sem que ninguém se lembrasse dela. No último ano ela voltou à tona porque decidi doar um manuscrito de Clarice Lispector, algumas cartas e documentos para a coleção particular da Biblioteca da Universidade de Vanderbilt, onde estarão disponíveis ao público e onde poderão ser digitalizados algum dia.

Como já mencionei, minha tradução foi feita sob condições precárias devido à crescente perda de visão. Sinto que dada minha idade atual e as décadas que se passaram desde então, minhas recordações são poucas e imprecisas. O fato de eu não poder ler a tradução que fiz não me permite reconstruir as memórias e talvez fazer comentários à tradução de então.



Envelope de carta enviada por Alexandrino Severino (marido de Dorothea) a Osman Lins. (Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa)

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. E apres. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ARFUCH, Leonor. Espacio biográfico y experiencia estética. In: ANTELO, Raul; ANDRADE, Luisa et alii (Org.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/Abralic, 1998 p. 39-46.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.
- BORGES, Jorge Luis. *Um ensaio autobiográfico, com Norman Thomas di Giovanni*. São Paulo: Globo, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Pref. José A. Bragança de Miranda e Antonio F. Cascais. Lisboa: Veja/Passagens, 1992.
- LINS, Osman. *Évangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.
- _____. *A rainha dos cárceres da Grécia*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- _____. *Guerra sem testemunhas: (o escritor, sua condição e a realidade social)*. São Paulo: Martins Fontes, 1969.
- ROCHA, Fernando de Souza. A ética da leitura: entre o corpo do escritor, o *corpus* textual e o corpo do leitor. *Outra Travessia: Revista de Literatura*, Ilha de Santa Catarina, n. 4, p. 147-156, Universidade Federal de Santa Catarina, 1º semestre, 2005.
- SCHMIDT, Siegfried J.; OLINTO, Heidrun Krieger et al. *Ciência da literatura empírica: uma alternativa*. Sel. trad. apres. Heidrun Krieger Olinto. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

